

HELOISA CROCCO

Adentrar a majestosa floresta amazônica nos anos 1980 e se deparar com uma árvore cortada em topo impactou Heloisa Crocco de tal maneira, que desde então sua produção é norteadada por uma pesquisa na qual a natureza é o cerne da sua poética.

Partindo dos anéis de crescimento e das texturas lenhosas encontradas na madeira, unidos à vontade de expressar-se contra o desperdício e a destruição de biomas naturais, Crocco desenvolveu o projeto Topomorfose, que vive até hoje em diversas iterações e escalas. O desenvolvimento de centenas de matrizes criadas a partir do cerne de madeira de refugio possibilita organizá-las de diferentes maneiras e expressa sua potência na pluralidade, diversidade e versatilidade de inúmeros jogos entre texturas, linhas, cadências visuais, funções, aplicações e proporções, que podem se dar desde uma xícara a um painel, de um tecido a um brise arquitetônico.

Os anéis de crescimento de uma árvore expostos quando cortada, naturalmente denotam os traços e os tons que demarcam a sua identidade e trajetória: mais claros são os que se formam com as mudanças que ocorrem durante a primavera e os mais escuros os do outono. A vida de cada árvore se manifesta na organização única de seus anéis de crescimento internos e sulcos que demarcam sua casca. A reorganização de fragmentos destes traços de vida que seriam descartados, pelas mãos de Heloisa Crocco ganham sobrevida e novas articulações no mundo.

Nos tempos em que vivemos, existe urgência em achar soluções e novos caminhos para a maneira com que nos relacionamos com o nosso meio ambiente. Alberto Acosta, que dentre inúmeras atividades foi diretor da primeira Assembléia Constituinte do mundo a reconhecer os Direitos à Natureza (Ecuador, 2008), discorre em seu livro 'O Bem Viver - uma oportunidade para imaginar outros mundos' (2016, Fundação Rosa Luxemburgo) que para criar um futuro

realmente diferente, *“o centro das atenções não deve ser apenas o ser humano, mas o ser humano vivendo em comunidade e harmonia com a natureza.”* Essa frase aparentemente simples requer uma revolução, uma re-evolução de valores. Hoje à frente do mundo globalizado estão o capital, o mercado, a economia, o desenvolvimento e pagam o preço a qualidade de vida, os afetos, a diversidade, o ócio criativo e a contemplação.

Diferente da utilidade inerente a outros projetos criados por Heloisa Crocco, os painéis não são “úteis” tal qual uma xícara ou um brise de prédio. Este estado “inútil” dos painéis, do ponto de vista de função cotidiana, dá espaço para que a poética visual de Heloisa Crocco ganhe protagonismo. Sem a expectativa de uma função específica, é possível contemplar esses trabalhos de maneira expansiva, exploratória e experimental, partindo apenas do pressuposto de que houve uma intenção da autora de exteriorizar e compartilhar seus anseios e valores interiores e que estes também fazem parte de algo maior. Para Maria Luisa Amigo Fernández de Arroyable, doutora em filosofia, professora de estética e filosofia da Universidade de Deusto, Espanha e autora de *‘Ócio estético valioso’* (Edições SESC, 2018), *“A arte é expressão de um mundo, de uma riqueza interior, da visão de uma pessoa que foi capaz de expressá-la. É mais uma maneira de compreender a nós mesmos e a sociedade. É obra de uma pessoa e, ao mesmo tempo, a transcende, mostrando as marcas da sociedade em que está inserida.”*

“Eu sou crua e natural”, diz Crocco, e assim também reverberam os seus painéis; centenas de pequenos fragmentos de madeira de refugo cuidadosamente organizados para o deleite de quem dá tempo ao tempo que leva para verdadeiramente observá-los. Não há pressa, não há dúvida, tudo no seu devido lugar e a afim de revelar que é possível sobreviver o fim. Enquanto para a indústria esses pequenos topos de madeira são sobras descartáveis, para Crocco há uma vida infinita neles que ela busca organizar e mostrar. A cada nova obra, o material é o mesmo, mas transcende a si a cada novo arranjo, a cada novo olhar. Afinal, a diversidade

existe em relação à semelhança, tanto quanto a semelhança existe à face da diferença. No planeta, tudo vivo é natureza, mas a natureza não é a mesma em tudo. Na madeira, tudo é árvore, mas nenhuma árvore é só madeira e no refugio tudo é resto, mas nem todo resto é descarte.

Nos painéis monocromáticos, Crocco revela a diferença ao mesmo tempo que acolhe as semelhanças, diversifica ao mesmo tempo que repete. Esconde e revela. Ressalta, mas deixa estar. A cadência das peças em momentos lembra os jogos de Artur Luiz Piza e a articulação de luz e sombra ecoa os caminhos abertos por Sergio Camargo; ressaltam o valor de diferentes pontos de vista, da semelhança na multiplicidade e da diferença no semelhante; do ritmo sem movimento e dos tons numa mesma cor. Os anseios construtivistas de Crocco não são os mesmos de seus antecessores, são atuais e reflexo do seu tempo, do nosso tempo, da nossa contemporaneidade em busca de re-evoluções de valores.

Em outras séries de painéis, Crocco explora mais evidentemente a relação entre cores e padrões e traz à tona valores que remetem ao concretismo, mas sem perder de vista as qualidades da matéria prima natural e os anseios pessoais que a guiam. Inspirada pelos tapetes berberes e os tons do deserto, esses painéis carregam em si não apenas o olhar fascinado de uma viajante para uma cultura que não a sua, mas o reconhecimento da irmandade que não se atém a continentes, hábitos ou fronteiras geopolíticas, mas promove um olhar de aproximação e conexão à natureza semelhante da humanidade, interconectada e sempre em transformação.

Assim são os caminhos criativos de Heloisa Crocco, constantes porém mutáveis, plurais ao mesmo tempo que únicos, naturais e sociais, e reflexos pulsantes dos diversos veios que a guiam.

—Camila Belchior